

ESCRITA E TOMADA DE POSIÇÃO

*Fabiola Vieira Bertotti Bizzi**

*Daniela Scheinkman***

RESUMO

Este artigo trata da construção de algumas pontuações a respeito da escrita em psicanálise, considerando-a enquanto indicativa de alguma tomada de posição. Partimos com Sigmund Freud no texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/1992) na tentativa de abordar o corpo. Que corpo? Aquele histórico, que aporta as formulações psicanalíticas até hoje. Corpo que convoca Freud a andar e a empreender leituras desde o que se apresenta como uma espécie de enigma que faz cifra do que o implica de inconsciente. No andamento de Freud, mencionamos o que nos fala Jacques Lacan a respeito de um saber não sabido, que deixa marca e faz escrita no que pode vir a ser enquanto invenção. Contando com essas pontuações, passamos por lalúngua para falar

* Psicanalista. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília UnB. Mestra (Bolsista CNPq) em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília UnB (2016). Graduada em Psicologia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2007). Atuou em Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão com Bolsa de Iniciação Científica CNPq e Estágio CIEE. Experiência clínica, acadêmica e institucional em psicanálise, docência e arte. Atualmente, atua na clínica psicanalítica e na docência. Pesquisadora interessada em psicanálise e arte.

** Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília. Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula - RJ (1986). Pós-doutorado na USP no Departamento de Psicologia da aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade e no Programa de Pós-Graduação de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (2019). Pós-doutorado na Universidade de Tel-Aviv Departamento de Psicologia (2020). Mestrado em Psicanálise na Université de Paris VIII (1994) e Doutorado em Filosofia na Université de Paris VIII (1999). Trabalha com ênfase na Psicanálise, Freud e Lacan. Pesquisadora do Cnpq desde 2013. Membro do GT Psicanálise, Política e Clínica na ANPEPP. Líder dos Grupos de Diretório de Pesquisa Jacques Lacan: Teoria, clínica, discursos conexos e Parentalidade: Novos olhares interdisciplinares. Organizadora do livro *O Corpo no Discurso Psicanalítico*, 2019, Appris, Curitiba. Autora do livro *O Conceito de Objeto na Psicanálise: Do Fenômeno à escrita*, 2005, Editora UnB. <https://orcid.org/0000-0002-7925-573X>. Organizadora do livro: *Inconsciente e Escrita*, 2023.

do que nos convoca nesse corpo enquanto desejo, movimento de impulsão à criação com o que fica de não-saber e que, por isso, permite nova escrita, com Gloria Anzaldúa, bem como endereça nossa posição, com Alenka Zupancic. É um corpo que, feito de linguagem, sensível à palavra, pode indicar caminhos, passagens por entre as quais andamos e remetemo-nos à Daniela Chatelard para conceituar a letra e, com ela, passar finalmente à escrita. Com essas palavras, no percurso deste artigo, citamos também Hélène Cixous, para enfatizar o que nos torna ex-sistentes à medida do que implica sempre mais uma escrita dentre as outras.

Palavras-chave: Freud, corpo, escrita, Lacan.

WRITING AND POSITION-TAKING

ABSTRACT

*This article deals with the construction of some punctuations regarding writing in psychoanalysis, considering it as indicative of some positioning. We start with Sigmund Freud in the text *Inhibition, Symptom and Anxiety* (1926/1992) in an attempt to approach the body. What body? That historical one that brings the psychoanalytic formulations to this day. A body that calls Freud to walk and undertake readings from what presents itself as a kind of enigma that codes what it implies from the unconscious. In Freud's progress, we mention what Jacques Lacan tells us about an unknown knowledge that leaves its mark and makes writing in what can become as invention. Counting on these punctuations, we go through language to speak of what calls us in this body as desire, a movement of impulsion to creation with what remains of non-knowledge and which, therefore, allows an innovative writing, with Gloria Anzaldúa, as well as addresses our position, with Alenka Zupancic. It is a body that, made of language, sensitive to the word, can indicate paths, passages through which we walk and refer to Daniela Chatelard to conceptualize the letter and, with her, finally move on to writing. With these words, in the course of this article, we also cite Hélène Cixous to emphasize what makes us ex-sistent to the extent of what always implies one more writing among the others.*

Keywords: Freud, body, writing, Lacan.

ÉCRITURE ET PRISE DE POSITION

RÉSUMÉ

*Cet article traite de la construction de quelques ponctuations concernant l'écriture en psychanalyse, la considérant comme indicative d'une certaine prise de position. Nous commençons avec Sigmund Freud dans le texte *Inhibition,**

Symptôme et Angoisse (1926/1992) dans une tentative d'aborder le corps. Quel corps? Celui historique qui apporte les formulations psychanalytiques jusqu'à aujourd'hui. Un corps qui convoque Freud à marcher et entreprendre des lectures à partir de ce qui se présente comme une sorte d'énigme qui code ce qu'il implique de l'inconscient. Dans le cheminement de Freud, nous mentionnons ce que nous dit Jacques Lacan à propos d'un savoir non su qui laisse sa marque et fait écriture dans ce qui peut devenir comme invention. Comptant sur ces ponctuations, nous passons par la lalangue pour parler de ce qui nous convoque dans ce corps en tant que désir, mouvement d'impulsion à la création avec ce qui reste de non-savoir et qui, donc, permet une nouvelle écriture, avec Gloria Anzaldúa, ainsi que d'adresser notre position, avec Alenka Zupancic. C'est un corps qui, fait de langage, sensible au mot, peut indiquer des chemins, des passages à travers lesquels nous marchons et nous nous référons à Daniela Chatelard pour conceptualiser la lettre et, avec elle, finalement passer à l'écriture. Avec ces mots, dans le cours de cet article, nous citons également Hélène Cixous pour souligner ce qui nous rend ex-sistants dans la mesure de ce qui implique toujours une écriture de plus parmi les autres.

Mots-clés: Freud, corps, écriture, Lacan.

Este artigo trata da construção de algumas pontuações a respeito da escrita em psicanálise, considerando-a enquanto indicativa de alguma tomada de posição. A escolha das referências está atenta a articulações atualizadas que renovam conceitos e ampliam discussões. Nosso intuito é promover essas discussões levando em consideração a importância de a psicanálise manter-se aberta a novidades, implicada em construções inéditas e à altura de seu tempo.

Partimos com Sigmund Freud no texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/1992), na tentativa de abordar o corpo. Que corpo? Aquele histórico que aporta as formulações psicanalíticas até hoje. Corpo que convoca Freud a andar e a empreender leituras desde o que se apresenta como uma espécie de enigma que faz cifra do que o implica de inconsciente. No andamento de Freud, mencionamos o que nos fala Jacques Lacan a respeito de um saber não sabido que deixa marca e faz escrita no que pode vir a ser enquanto invenção.

Contando com essas pontuações, passamos por lalíngua para falar do que nos convoca nesse corpo enquanto desejo, movimento de impulsão à

criação com o que fica de não-saber e que, por isso, permite nova escrita, com Gloria Anzaldúa, bem como endereça nossa posição, com Alenka Zupancic. Trata-se de um corpo que, feito de linguagem, sensível à palavra, pode indicar caminhos, passagens por entre as quais andamos e remetemo-nos à Daniela Chatelard para conceituar a letra e, com ela, passar finalmente à escrita. Com essas palavras, no percurso deste artigo, citamos também Hélène Cixous para enfatizar o que nos torna ex-sistentes à medida do que implica sempre mais uma escrita dentre as outras.

INTRODUÇÃO

O que chamamos de corpo é palco para a angústia. Palco privilegiado e inaugural na história da psicanálise. Com ele, acompanhamos a desenvoltura de Sigmund Freud ante os contorcionismos ditos históricos. Inominável que ele encena, o corpo é interrogação na medida em que mostra o que não conseguimos nomear de uma vez por todas.

Desde então, esse corpo atravessa o processo psicanalítico. Através de seus impasses, podemos dizer que o corpo dá passagem ao desejo. Começamos com o desejo de Freud em traduzir a corporalidade que se apresenta em sua época. No texto *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926/1992), ele diferencia inibição atrelando-a ao que denomina de “nexo particular com a função” (Freud, 1926/1992, p. 83)¹. Especificamente, inibição corresponde à restrição de uma função.

Para ilustrar tal restrição, eis o exemplo freudiano

Se o ato de escrever, que faz fluir um líquido de um tubo sobre um pedaço de papel branco, adquire o significado simbólico do coito, ou se o caminhar se torna um substituto simbólico do pisotear o ventre da Mãe Terra, tanto o escrever como o andar são paralisados porque representam a realização de um ato sexual proibido. (Freud, 1926/1992, p. 85)

Escrever e andar, justamente as funções que nos interessam. Um ato sexual proibido diria respeito a uma escrita e a um passo. Ambos passariam então a inibidos, paralisados em seu movimento de sentido. Para onde ir quando se está embaraçada sexualmente?

É o questionamento de Gloria Anzaldúa em sua carta, “Quem nos deu permissão para encenar o ato da escrita?” (Anzaldúa, 1980/2021, p.

46). Sob o título *Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo* (1980/2021), ela analisa o lugar das chicanas apressadas para cumprir o trabalho dos homens, “lamentando a falta de tempo para trançar a escrita dentro de sua vida” (Anzaldúa, 1980/2021, p. 44). Ela tensiona leituras habituais e nos convoca a escrever, autorizando-nos em outras línguas, que nossa voz ande e chegue até a próxima leitora.

Gloria é uma pesquisadora da cultura chicana, especialmente dos movimentos feminista e queer. Nascida na fronteira entre México e Estados Unidos, ela convida aqueles que a leem a visitarem os espaços entre, os litorais dos lugares, as temporalidades de uma cultura que envolve modos de ser de borda, de margem, que estão dentro de um determinado território, mas fora de um certo padrão de existência, desencaixadas das normas padronizadas de como se deve ser. Um espaço entre-línguas, como ela se refere. Esse convite convoca o encontro de falas outras que sejam possíveis, vozes que ela se propõe a escutar e fazer surgir alternativas para testemunhar a existência de corpos diversos em sua escrita, abrindo espaços para novos modos de andar, de trafegar por estes entre-lugares, Gloria indica passagens de lugares de exclusão para lugares enaltecidos do que se pode fazer justamente entre, nas entrâncias de existir à margem.

“Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva dessa complacência que temo” (Anzaldúa, 1980/2021, p. 51). Gloria sabe que o ato de escrever não exige significado que o justifique, por isso mesmo indaga. Indaga para colocar outras línguas na língua dita dos homens, a língua habitual padronizada que está posta como formal. Sexualmente falando, Gloria faz fluir seu líquido no papel de escritora “de cor”, como ela nomeia, engrandece seu lugar e pisoteia forte por entre caminhos que se abrem. “Caneta, eu me sinto tão em casa com sua tinta dando uma pirueta (...)” (Anzaldúa, 1980/2021, p. 54).

São as voltas, idas e vindas, piruetas que logo viram outra coisa. Sintoma, entendido por Freud, quando uma função passa por alguma modificação. Consequência do processo de entrada numa determinada cultura linguageira, um sintoma implica uma formação de compromisso pautada pelas leis da linguagem. Formação que escancara a tentativa de lidar com o que não há um saber prévio, com o que Freud nomeia sexual. É assim que enoda aqui a angústia às situações “que a excitação sexual é

inibida” (Freud, 1926/1992, p. 105) e que impõem algum “movimento” (Freud, 1926/1996, p. 112).

A respeito das voltas, lembramos o movimento pulsional. Conforme teoriza Freud, a pulsão é um “conceito fronteiro entre o anímico e o somático” (Freud, 1915/2014, p. 25), que faz borda ao marcar a insistência do que se passa entre lugares. Trata-se de um movimento constante imposto à vida anímica devido ao que parte do corpo, àquilo que se impõe como interrogação e que, justamente por isso, faz pulsar uma incessante tentativa de decifração. Parte do corpo, “zona erógena” – eis o que impõe trabalho. Podemos inferir que se trata da sexualidade enquanto ausência de saber. Só temos notícias no entre, no desvio que contorna essa ausência ao inaugurar sempre mais um impulso em direção ao que denominamos inconsciente.

De ser falado a ser falante, do corpo somático orgânico ao corpo pulsional, há a passagem pelo que Freud chama de “voz média reflexiva” (Freud, 1915/2014, p. 39). Não está em jogo simplesmente uma virada ativa desde uma passividade, mas o engendramento de algum outro lugar marcado pela “voz reflexiva” graças aos artifícios da língua. Segundo lições gramaticais (Cegalla, 2008), a voz reflexiva indica uma ação praticada e sofrida pelo próprio protagonista da ação, ou seja, ele protagoniza uma ação cujos efeitos ele mesmo recebe; também conhecida como média ou medial, porque se situa intermediariamente entre a voz ativa e a passiva.

No organismo recém-chegado numa cultura, o Outro inscreve a pulsão enquanto artifício gramatical ao supor no bebê um sujeito, tornando o organismo um corpo. Com o termo “pulsão”, Freud versa acerca do impulso “na origem” de um movimento. Apoiada em um traço anatômico de uma margem corporal, a pulsão delimita determinadas zonas. O Outro pulsiona, erotiza, cria essas zonas, ao passar à leitura de uma escrita inaugurada pelo grito do bebê e traçada nos movimentos reflexos, no balbucio, nos ensaios de apropriação do corpo na experiência de linguagem. Pelo aleitamento chega também um letramento, antecipando a leitura de uma escrita corporal.

A disponibilidade freudiana a ver o que ainda não se conhecia, concedendo um outro estatuto ao corpo numa Outra cena, configura um outro olhar para a sua época. Intrigado pelos contorcionismos arreatadores

que afrontam o corpo médico e extrapolam a cena hospitalar, Freud se põe a escutar analisandas desafiadoras do lugar por elas ocupado. Sob o diagnóstico de histeria, tornam-se emblemáticas da revolta sexual e política ocorrida no fim do século XIX. Relegadas a círculos íntimos e desprezíveis, elas passam a encampar saltos para a vida pública, nos quais o corpo aparece como principal artífice ao despontar enigmas na apresentação de uma fala aparentemente sem sentido, que se impõe no movimento de cada uma.

Para Freud, o movimento pulsional atrela o corpo a uma indeterminação que nos convoca a sempre mais uma decifração. Por isso a invenção com a cifra. É preciso improvisar com o que não há saber determinado. “A pulsão é essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (Lacan, 1964/2008, p. 173; staferla, p. 96). Hiância instaurada pelo funcionamento da linguagem é o que fica sempre em aberto, algo como resto de uma operação de entrada na linguagem, brecha que permite ao movimento andar, seguir pulsante.

Há certa tensão entendida quando se entra numa cultura. Certo mal-entendido constitutivo ao ser de linguagem. O que quer dizer que não há um modo único de se fazer existência, dizemos mesmo que estamos sempre às voltas com maneiras de nos posicionarmos na cultura. Movimento, então, nunca acabado de nos localizarmos e nomearmos-nos sexualmente.

Dada nossa incapacidade para uma sexualidade inequívoca, menos incerta, sem ambiguidades e conflitos, nosso destino é sempre a invenção. Portanto, destinadas estamos, todas as línguas, a criar sempre alguma nova volta, algum sintoma que nos arranje enquanto possibilidade de existir em alguma cultura. Alenka Zupancic, no livro *O que é sexo?*, recorta a resposta de Freud ante o horror ao sexo bradado pelos vitorianos. “Freud não respondeu algo como ‘Não, não é sujo, é natural’, mas sim algo como ‘O que é esse sexo do qual vocês estão falando?’” (Zupancic, 2023, p. 18).

Filósofa eslovena, interessada pela psicanálise no que tange especialmente à sexualidade, Alenka retoma conceituações psicanalíticas cruciais para nossas investigações. De acordo com ela, a sexualidade entra no enredo freudiano no ponto em que alude ao inconsciente. A sexualidade é constitutivamente inconsciente e isto implica considerá-la enquanto impasse jamais resolvido, impasse irreduzível a qualquer tipo

de saber. Alenka explicita que conceituar “sexualidade inconsciente” não requer somente aludir à falta de consciência que temos de nosso sexo, mas sim se refere a um trabalho contínuo envolvendo desejo.

É assim que reencontramos a noção de sexo como interrogação, como dizendo respeito a uma pergunta. Entendimento que, partindo das palavras de Alenka, remete-nos às interpelações do escritor francês George Bataille quando ela considera o sexual enquanto “(...) operador do inumano, o operador de desumanização” (Zupancic, 2023, p. 18). Lembramos de Bataille porque ele escreve textos culturalmente transgressores no que tange à produção de uma obra escrita. Esta, segundo ele, diz respeito a um gasto inútil, a uma despesa improdutiva, gloriosa por dissipar desmedidamente e, por isso, destacar um movimento de perda e de descentramento da ordem do que ele considera como propriamente inumano. Entre o interdito estabelecido pelas leis de uma cultura e a transgressão, o humano e sua moral desandam no que criam de invenção, uma vez que se engajam no não sentido – aqui entendido como aquilo que não serve para nada, através do qual se ex-siste. Bataille influencia vastamente formulações que evoluem a teoria psicanalítica.

Voltemos à Alenka nas suas questões do que é sexo. Lançando mão de elaborações freudianas, ela reitera que o termo inumano assevera não haver humanidade no sentido da impossibilidade de atribuir um significado ao que seria o sexo humano, a impossibilidade de encontrar algum tipo de seguridade moral que sustente o sexual. Não há naturalidade humana no sentido de uma condição prévia biológica que suporte a instabilidade de formações sexuais, das formas ditas inumanas, que contenha os excessos e as disformidades da nossa sexualidade. Daí lançarmos mão da inumanidade, do informe.

Sob a lápide da deformação sexual, a informação sobre a obscenidade se faz constitutiva. Não havendo saber inerente ao que chamamos de sexualidade, não havendo forma capaz de orientá-la, o que temos é obsceno. Extrapolamos a cena formal, a formalidade de como deve ser, o enquadre moral propriamente dito e, convocados a existir, restamos alguma tomada de posição com o não-saber, resta-nos, portanto, alguma invenção com o sexual. Trata-se de uma passagem que não se faz sem angústia.

Em análise, as histéricas históricas de Freud se deparam com a impossibilidade de saber exatamente o que lhes acometia. Abrindo espaço para o corpo passar, literalmente, colocam em funcionamento o que estamos considerando enquanto criação. Algum saber-fazer com o sexual. Eis a angústia, uma vez que passamos a saber que não sabemos o que fazer, dada a impossibilidade de relacionarmos a sexualidade com algum saber previamente estabelecido. Daí o corpo se prestar a essa invenção, sendo resto e, portanto, o que se presta a movimentações alhures, lugares extra-muros, digamos assim. Lugares que extrapolam muralhas impositivas de padrões existenciais e que, com isso, lançam corporalidades que estão fora do engessamento de ditames que se pretendem assujeitantes. Eis o corpo como isso que fica, inclusive enquanto cadáver após a morte, dejetos (Lacan, 1974/2016, p. 251).

De acordo com Jacques Lacan, podemos considerar que o corpo existe à linguagem. Quer dizer, à medida que nomeamos esse corpo, desde o repertório de uma determinada cultura, deixamos escapar um resto, algo que sobra devido à operação mesma de nomeação. Nomeação que compreende, para a psicanálise, uma operação que deixa um resto como vestígio do que passa pela linguagem, como acesso a uma determinada cultura. Nessa passagem, algo sobra como fora da linguagem e não pode ser nomeado de modo fixo e imutável, de uma vez por todas.

Resta um pedaço que tem estatuto de existência no que está enquanto não está, em algum lugar dentro da cultura e também fora dela, fazendo exceção. Para lembrar o neologismo lacaniano, podemos falar aqui em uma ex-cessão, no sentido do que não cessa com a nomeação, mas permanece existindo como relançamento de possibilidades. Exceção, ou seja, que fica fora, ex-siste e insiste, e cessão que cessa ao passo que relança a partir do que estamos considerando brecha inconsciente, acontecimento que impulsiona para outros lugares, alhures. O que nos interessa aqui é o que permanece como convocação a tomar alguma posição, a se fazer algo com o que Alenka nos lembra de sexual, o que fica passível de sempre um novo arranjo, uma nova volta, uma pirueta que se faz escrita propriamente de invenção, lembrando as palavras de Gloria.

Não por acaso, Freud lança mão do “trauma do nascimento” de Otto Rank (1884-1939) para falar da angústia. De fato, Freud introduz uma

ruptura na decodificação do mundo, um desencontro protagonizado pelo inconsciente, pelo que não está dado no conhecimento devidamente formal e decodificante. Desde então, consideramos, com Lacan, que o que está em jogo é da ordem de uma ex-sistência – tanto no sentido de descentramento, coisa que no seminário entre os anos 1973 e 1974 ele aponta muito bem ao situar que “não há relação sexual” (Lacan, 1974/2016, p. 254), quanto no sentido, por isso mesmo, de se fazer invento, nascimento.

“Não há relação sexual” é uma notação que aponta a impossibilidade de existir uma única forma de existência, uma forma que se pretenda assegurada de acordo com uma outra forma necessariamente correspondida. Em outras palavras, não há conformação no âmbito de um ideal de complementaridade, mas há sempre disjunção, desarranjo, desencaixe entre um e outro. Dizemos que, desde o nascimento, no percurso de entrada na linguagem, somos capturados pelas palavras que nos chegam carregadas de afeto. Palavras que se impõem e deixam rastro de incompreensão, do que não é passível de nomeação, mas que faz laço ao manter acesa alguma interrogação sobre o lugar de um e de outro, do bebê que está chegando na cultura e do outro que já nela habita.

Esse outro que já habita uma cultura é a pessoa experiente no campo da linguagem, parafraseando Freud, que se torna o primeiro outro para o bebê. Para Lacan, trata-se do grande Outro. Outro com letra maiúscula para diferenciá-lo do outro, pequeno, com letra minúscula. Essa distinção entre as letras assume consequências fundamentais para as discussões psicanalíticas. Em Freud encontramos também a Outra cena na ocasião dos sonhos, para estabelecer uma cena propriamente inconsciente, uma cena que extrapola a cena comum, da vida de vigília. Lacan concebe essa noção de inconsciente como crucial para tornar esse Outro um conceito. Conceito que enaltece a linguagem no que ela funciona enquanto alteridade, diferença na disposição de lugares. Alteridade que faz alusão ao termo alhures. Em algum lugar, colocam-se questões pertinentes quanto à existência de um ser, de seu sexo, de sua posição numa cultura. Questões que o determinam no compasso das tentativas que se prestam a respondê-las. Não destrincharemos esse conceito lacaniano aqui neste artigo, mas consideramos importante não deixar de mencioná-lo.

Retomemos agora nosso raciocínio acerca do laço possível a partir do que fica como impossibilidade de nomear e que, por isso, mantém em aberto indagações. Nesse laço, Lacan situa o que ele nomeia *lalíngua*. O inconsciente,

estruturado como uma linguagem, isto é, como a *lalíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras. (Lacan, 1972/2003, p. 492)

Optamos em seguir a tradução estabelecida por Vera Ribeiro que corrobora a proposta do poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos para traduzir a terminologia, usada por Lacan, “*lalangue*”, por “*lalíngua*”. Na língua francesa, a palavra “*la*” seria traduzida por “*a*” que, se fosse transposta para o termo em questão, “*alíngua*”, poderia denotar negatividade se atentarmos às expressões em língua portuguesa que compreendem esse “*a*”, na frente de palavras, como um prefixo para exercer função de negação. Diferentemente de “*alíngua*”, que até pode ser encontrada como uma tradução possível, “*lalíngua*”, além de não denotar negação, já que este não é o caso deste neologismo lacaniano, mantém a possibilidade de evocar a palavra “*lalação*” que, nas teorizações lacanianas, faz alusão à língua entre o bebê e o seu primeiro outro. Sonoramente, uma língua que faz laço pelo *lalalala*, exemplificada pelo “cantar para fazer dormir as crianças” (Campos, 1995, p. 180).

Como mencionado por Lacan na citação, interessa-nos pensar *lalíngua* como uma espécie de fundação para o inconsciente. Uma língua ininteligível porque diz respeito à equivocidade de saber quem fala e o que fala. Em nossa exemplificação, dissemos que o bebê é invadido por palavras que lhe chegam do outro que o recebe em uma cultura, é dessa entrada no campo da linguagem que *lalíngua* constitui o aporte para ensaios, balbucios, elucubrações, andamentos, fala, escrita.

Portanto, a escrita, ainda que aspire uma formalidade essencialmente intelectual, está atrelada à *lalíngua*. Daí as incongruências, interrupções, contradições e absurdos comporem uma escrita. Um texto não resulta da

habilidade com um certo idioma, mas sim de um saber fazer com lalíngua. Em outras palavras, enquanto sustentação da linguagem e, consequentemente, de um ser, lalíngua faz frente ao que se pretende enquanto escrita. Não há domínio possível de uma língua uma vez que há inconsciente na elaboração de um idioma. Lalíngua rompe com o acordo linguageiro que supõe a possibilidade de entendimento completo e inteligibilidade absoluta.

Isso nos interessa neste artigo porque essa lalíngua que falamos articulando um saber que não se sabe, inconsciente, é impulso para algum movimento. Movimento que implica o inconsciente em direção ao outro, que está endereçado e pressupõe alguém. É assim que não há escrita sem inconsciente sustentado por lalíngua. Há uma espécie de tomada de posição que envolve inevitavelmente um sujeito, um assunto que testemunha o seu lugar na linguagem. É assim também que a inibição comparece como uma forma de paralisia frente a esse saber inconsciente.

TOMADA DE POSIÇÃO

“Que ‘impedimento’, como disse numa altura do meu seminário sobre *A Angústia*, ‘impedimento’, ‘excitação’ (...), ‘embaraço’ são palavras que só têm sentido quando transmitidas nos passos que gera lalíngua” (Lacan, 1974/staferla, p. 106). Mas que sentido podemos considerar aqui? O que o próprio Lacan destaca, a saber, o sentido da ex-sistência dessa língua, o sentido do que não tem sentido, inexistente e, por isso, faz existir algum sentido pela inexistência, pelo que não há sentido. Trocando em miúdos, entramos na linguagem falando sem saber, tomamos a palavra a partir de um lugar de interrogação, o que gera alguma passabilidade inconsciente, passagem possível à invenção de um ser.

Nessa ex-sistência, “não há nenhuma relação senão por intermédio do que faz sentido em lalíngua” (Lacan, 1974/2016, p. 254). Novamente, Lacan recorre à máxima “não há relação sexual” (Lacan, 1974/2016, p. 254) para, dessa vez, conceituar lalíngua. Ao sexual sem sentido – pelo menos sem sentido previamente estabelecido, que falta, que precisamente faz falta, faz faltar sentido – ao sexual, a possibilidade de um sentido.

Não há relação natural... não que, se ela fosse natural, pudéssemos escrevê-la, mas que justamente não se pode escrevê-la porque não há

nada de natural na relação sexual deste ser que se encontra menos ser falante do que ser falado. (Lacan, 1974/2016, p. 255)

Nesse contexto, podemos retomar a tríade inibição, sintoma e angústia no que encenam de interpelações ao descortinarem algo inconsciente. Algo que se mostra enquanto enigma indecifrado – ou, melhor, cifrado se lembrarmos Freud em suas interpretações. A cifra apresentada pelos acontecimentos da vida anímica funda-se nas tentativas de decifração conforme às convocam, tentativas que seguem sempre a indicação de algum saber que não se sabe, que até pode encontrar certos deciframentos concorrentes para efeitos de significação, mas sempre permanece um resto, alguma coisa somente atestada pela experiência de sua falta. Daí o desejo advir dessa falta, como impulso em direção a algum saber.

Esse impulso que podemos localizar desde o nascimento, à medida que alguém se interessa pelo bebê e quer saber o que se passa, deixa marcações disjuntivas, de disjunção entre o que quer o bebê e o que tenta saber o outro. Marcas que se propagam como rastro no percurso do advento de um sujeito. Sempre impossível no ponto em que se mostra incapaz de decodificação totalizante, tal saber se configura como um não-saber. Podemos também notar esse impulso ao saber quando Freud se propõe a escutar suas analisantes pautando, assim, formulações sintomáticas ao destacar algum assunto, o que vem a ser um sujeito.

Impulso, portanto, que vai configurando uma escrita com o seu rastro, as marcações fixadas no trajeto de algum percurso. Conforme essa fixação vai sendo analisada e a localização de um sujeito vai sendo passível de desarranjo, já não serve mais, há uma passagem para outros lugares, outros assuntos, ficções capazes de suportar novas outras cenas a serem lidas ao passo de novas outras escritas. Para tanto, uma ficção pressupõe o destaque de uma letra, alguma coisa que pode ser remetida a uma determinada marca ao se diferenciar do restante de um arranjo, de uma composição sintomática.

Passando da inibição para a soltura de significantes desfilantes, que se apresentam devidamente em filas e perpassam desvios de rota e movimentos inesperados, a angústia irrompe como efeito de um desencontro ou de um encontro com o dito saber não sabido, saber que

não sabe. Disso, desprende-se a letra, algo que insinua uma marca e que suporta novidades, como se pudesse fundar um novo assunto, um novo sujeito capaz de advir por entre o acontecimento de novas escritas.

Saber não sabido e, por isso, inconsciente, afeta o corpo tocando o andar e o escrever. Sustentado enquanto desejo de saber, acontece deste saber não sabido fazer corpo frente à interrogação que permanece sem resposta, enigma que cifra a referida letra. Quer dizer, o andar, no que tange às desfiladas significantes, escreve suposições pela impossibilidade apontada pela letra. Daí Lacan afirmar “não há letra sem lalíngua” (Lacan, 1974/staferla, p. 10), ou seja, é preciso passar de um certo saber, de uma certa ideia narrativa, a um saber incerto, insabido. Essa passagem acontece ao equivocar o sintoma no que pode restar a dita letra.

No caso das históricas freudianas, podemos inferir que a letra resta no compasso das nomeações que o corpo sintomático vai encontrando. O corpo deixa-se tocar e se fazer outra escrita de modo que implique a ex-sistência de um ser e a possibilidade de alguma novidade. Um saber que vai se inventando a partir e com a desarticulação na impossibilidade de estabelecer relação, conforme discutimos. Alguma invenção com a não relação sexual no que resta de cada tentativa fracassada de sempre mais algum saber fazer com lalíngua.

Sobre isso, há uma passagem de Lacan, no texto *A Terceira* (1974)

o que não vemos e que os etologistas, coisa muito curiosa, colocam entre parênteses (vocês sabem o que são os etologistas, são pessoas que estudam os hábitos e costumes dos animais): não é uma razão para que imaginemos que o mundo é mundo, o mesmo, para todos os animais, se posso dizer assim, enquanto que temos tantas provas de que mesmo que a unidade do nosso corpo nos force a pensá-lo como universo não é evidentemente mundo que ele é, ele é imundo. (...) De que temos medo? De nosso corpo. É o que manifesta esse fenômeno curioso sobre o qual fiz um seminário um ano todo e que denominei angústia. A angústia é justamente alguma coisa que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo. (Lacan, 1974/staferla, p. 12)³

Redução que adquire outro estatuto conforme se leva em consideração as consequências da letra, as quais apontam para o não sentido, para

o esvaziamento ideativo de palavras. Nesse contexto, a angústia nos faz abordar o que irrompe enquanto corporalidade a nos convocar a outro lugar, a sair de onde estamos porque já não há saber possível para o que nos ocorre como humanos. Não sabemos o que fazer, é isso que faz com que a angústia nos empurre para alhures. Como se o corpo passasse a contar, então, com o que da angústia convoca a outro lugar, na via do que pode, se for esse o caso, causar algum desejo e, ao mesmo tempo, remeter a alguma inevitável construção ideativa para tentar abordá-la – a cada vez sempre desde outro lugar.

De repente, a inibição e o sintoma podem arrematar tratativas do sujeito como assunto para a angústia. Uma localização sempre fictícia, algum saber para sair de uma indefinição que não impõe fazer algum. À máxima, saber fazer frente ao desejo, nossa leitura atravessada por Gloria, convoca a fazer-se outra, outra escrita, outra história, contar-se em outro lugar, alhures do que se acha enquanto saber.

Pelo que de nós se faz passível à escrita e pelo que do outro – ou, melhor, da outra – continua, anda e escreve. Quer dizer, pelo que do outro começa e em nós se faz escrita para passar ao outro enquanto passabilidade de fazer outras, outras leituras, novas escritas. Daí a interrogação acerca do sexual que nos informa, afinal, de onde partimos para pegar a caneta, para tomar alguma posição. Daí também optarmos por mencionar o nome próprio das escritoras convocadas a falar aqui neste artigo. Não entraremos especificamente nas teorizações acerca da mulher em psicanálise, mas consideramos importante situar o que explica a poeta Tamara Kamenszain. “Quisemos ser chamadas como eles: pelo sobrenome” (Kamenszain, 2022, p. 14), mas acontece que há um nome, um nome que dizemos próprio. Um nome que, explicita Tamara, não nos deixa esquecer a importância de um nome. “Delmira, a primeira divorciada do Uruguai. Delmira, a primeira vítima de feminicídio.” (Kamenszain, 2022, p. 14). Esse nome, como tantos, não nos deixa esquecer que há um nome para cada mulher.

Com isso, seguimos com Daniela Chatelard no livro *O conceito de objeto na psicanálise*: do fenômeno à escrita (2005). Nada mais sexual que uma ficção muito bem escrita. Daniela abre os agradecimentos do referido livro com uma citação imprescindível a respeito da solidão que

acompanha uma tese. “Esta solidão de ruptura do saber não só se pode escrever, mas é até o que se escreve por excelência, pois é o que de uma ruptura do ser deixa rastro” (Lacan, 1973/2010, p. 242). Nada mais nosso que essa solidão, Daniela nos incita a escrever apesar e justamente com ela, a solidão. “(...) ali onde um pedaço de texto falta, pode advir uma nova escrita que traz em si um saber inédito” (Chatelard, 2005, p. 205).

Daí o corpo se prestar a sempre mais uma escrita. “É a insuficiência do saber pela qual estamos ainda (*encore/lem corps*) tomados” (Lacan, 1973/2010, p. 242). Numa psicanálise, falamos, contamos histórias, contamos-nos. Gradualmente, esvaziamos nossos arcaibouços mais e mais. As palavras, nessa toada, tornam-se letras. E essas letras tornam-se palavras, novas palavras. É assim que restam efeitos do nascimento de algum estilo, alguma invenção, ficção muito bem contada. Daniela (Chatelard, 2005, p. 213) nos diz que a letra é inerente a essa passagem à escrita. Ou seja, a partir da letra alguma invenção acontece, e essa invenção é propriamente uma escrita.

Nesse sentido, indagamos o que disso nos convoca a escrever, o que se transmite numa escrita. Escrita já não mais inibida à medida que incita, que convoca a fazer algum laço. Assim como Gloria, lembramos Hélène Cixous no texto intitulado *Contos da diferença sexual* (1990/2018) ao fazer referência e remeter-se a “algumas aberturas” (Cixous, 1990/2018, p. 36) para pensar “como começam os nossos textos – sem que nós o saibamos” (Cixous, 1990/2018, p. 36). Ensaísta, dramaturga, poetisa, professora e crítica literária francesa, Hélène faz a psicanálise dialogar com estudos feministas no âmbito de pesquisas sobre a sexualidade.

Contando com trechos e pedaços de iniciativas escritas, fragmentos recortados de alguns textos de autoras e escritoras que lhe fazem companhia, Hélène afirma sua posição ao deixar à mostra a aposta no que pode vir a se tornar escrita. Disso, irrompe uma palavra como abertura de um vir a ser em sua escrita, passagem do que ela nomeia como seu “sexto”. Hélène é conhecida por fazer existir uma outra Medusa, a que abre a boca para falar e sua língua é confundida com serpentes, ou seja, um texto visto como sexo, um “sexto” (Cixous, 2010/2022, p. 84). Palavra inventada, “sexto” diz do sexo que implica um texto ao passo que um texto implica uma posição sexual.

Palavra inventada capaz de abrir passagem à criação do que faz andar e escrever. Faz andar porque faz passar a algo de inesperado, alhures ao habitual. Faz escrever porque já não podemos contar com o esperado do que nos habita. Assim como Gloria, Alenka e Daniela, Hélène, a partir das outras que ela menciona como impulsão à sua tomada de posição, faz verter algo inédito e deixa escorrer seu líquido pelo papel. Eis o que é possível à título de solidão – tomada de posição que acontece junto às outras que nos fazem algum efeito de convocação.

Uma escrita, portanto, advém dessas outras escritas. Queremos dizer que uma escrita advém do que fica daquilo que indaga nossas leituras a partir do que nos torna ex-sistentes em alguma posição. Indagação que só acontece porque sempre falta correspondência no que se tenta fazer relacionar no sentido de estabelecer totalidade. Por não haver relação dessa forma, sempre fica um inacabamento que nos toca no que conseguimos nomear angústia.

Espécie de terceira no que acontece enquanto fracasso de uma relação, a angústia se impõe naquilo que se faz presença na ausência, naquilo que está nas palavras justamente por não estar, que passará a estar em outro texto que se inicia a partir de alguma leitora. Daí a impulsão ao advento de uma nova escrita, de uma tomada de posição que se torne outra e implique nova leitura ao fazer ex-sistência. Com Gloria, Alenka, Daniela e Hélène, encontramos-nos com a solidão da letra em nosso saber não sabido e, nessa solidão com elas, nossa escrita passa ou, melhor, faz passagem ao deixar o que fica em nós do impossível em Freud e Lacan.

ENFIM, O DESEJO

Andando um pouco mais, abordemos o desejo que consta desde o início como sustentação para esta escrita. Dissemos que é possível entrever o desejo de Freud à medida que ele se dedica a traduzir o que se passa no corpo de suas analisantes. Freud propõe-se a tentar decifrar os acontecimentos da vida anímica. Falamos em impulso em direção ao outro a fim de arranjar algum saber capaz de alguma decodificação. Acontece que a cada vez, uma e outra tentativas são insuficientes, incapazes de uma tradução completa sem falhas e sem lacunas.

Tal impulso está situado na ocasião do que se passa no nascimento de um sujeito, um novo assunto. Lembramos que há uma convocação a partir do que da novidade interroga alguém. O que nos interessa agora é abordar por onde se tenta ler o que se nos apresenta. Uma leitura, desde onde ela acontece, pressupõe e cria o que estamos chamando de tomada de posição.

É assim que nos remetemos ao campo da escrita. Língua dos sonhos, dialeto dos sintomas, texto de uma obra literária... configuram empreendimentos que nos convocam em torno do que se dá a ler. Só conseguimos ler o mundo a partir do lugar de onde ele nos interroga, sendo os acontecimentos dependentes da leitura que conseguimos destinar a cada um deles. Em outras palavras, uma cultura só se apresenta a nós desde a leitura que cada um consegue fazer, a cada vez, dela. Nomeadamente, trata-se do fantasma que aporta algum ponto de vista desde o qual nos colocamos para ver o mundo e, assim, posicionarmo-nos.

Na psicanálise lacaniana, essa leitura se faz com o resto, com aquilo que sobra no processo de nomeação, de uso da linguagem. Isso que sobra fica como interrogante, como se fôssemos usados por ele, por isso que fica à margem, numa espécie de litoral da linguagem. É o que acontece, por exemplo, quando uma letra irrompe ao escapar de um sentido determinado. A irrupção de uma letra que escapa inaugura um lugar outro, alhures, marcado pelo que consideramos enquanto alteridade, diferença que requer a participação de uma perda, aquela redução de sentido que mencionamos. Isto é condição para o advento de alguma novidade. Um novo movimento, um outro arranjo de lugares, uma tomada de posição inaugural.

A linguagem aspira à decifração e, ao mesmo tempo, nessa aspiração, faz surgir a letra. A letra constitui efeito linguageiro e institui aberturas para fora disso que a constitui. Nessa toada, torna-se outra coisa, vira novos arranjos, outras palavras, como dissemos. Lembrando Freud, a invenção da psicanálise ocorre nas indagações descortinadas pelas leituras daquilo que, no corpo, aparecia enquanto diferença ao saber médico da época. A letra, nesse contexto, rompe com o sentido habitual da leitura de sintomas, com o saber médico, e impõe considerar o que aparece no corpo sem estar totalmente a ele ligado.

Portanto, podemos afirmar que a letra aporta uma espécie de margem, contornando o que aparece no corpo fora dele, alhures. Para além de um

repertório habitual de movimento, um corpo se presta a invenções, como mencionamos. Podemos acrescentar, então, que pela letra o corpo se presta à inauguração de um gesto. Este como algo que empurra para um movimento novo ao proporcionar abertura – angústia, para lembrarmos Lacan.

Angústia definida justamente pela impossibilidade de nomeação, ao nos depararmos com um insabido constitutivo de onde estamos posicionados na linguagem. Não que partamos em busca de um saber, mas sim que partamos partidos, ou seja, desarranjados de qualquer tentativa de saber que nos garanta um lugar estável, plenamente dentro de um determinado arranjo de completude.

Por isso a obra de Gloria nos é tão cara. Ela propõe algum saber fazer com o litoral, com existências de borda, com a novidade de fazer saber que à margem se ex-siste. A partir de um determinado lugar, ela nos convoca à criação de saídas para fora, digamos assim, para outros lugares que indicam passagens sem nos assegurar um destino prévio que estabeleceria um ponto de chegada específico. Nessa argumentação, podemos acrescentar a possibilidade de se deixar vagar numa espécie de deriva, de se deixar estar à deriva sendo impulsionada por uma força que vem como alheia, como inconsciente. Palavra que nos remete também à decurso no sentido de um percurso em devir, um andar apostando no que virá a ser pelo que, justamente, fui por uma espécie de força pulsionante, pulsante.

Gloria não investe na ilusão de um encontro dentro de um território capaz de garantir um modo de habitá-lo. Ela fica no entre, conforme explicitamos, no entre-lugares, no entre-línguas, para fazer partida. Nessa partida é que podemos localizar uma impulsão que nos move sem direção previamente estabelecida, como um barco levado por ondas ou por ventos vagando sem um rumo único. Não se trata da busca por traçar um percurso contínuo de um lugar a outro, mas de tomar uma posição contando com o que não se sabe no próprio percurso.

Esse não saber, consta no que Alenka e Daniela notam acerca do funcionamento desejante ao discutirem tanto questões concernentes ao sexual quanto à escrita. Alenka não se propõe a asseverar o que é sexo, como se pudesse responder à pergunta que dá nome ao seu livro. Daniela não se propõe a resolver o enigma da letra que sustenta uma e mais uma escrita. Frente às ditas questões, Alenka enfatiza o inconsciente no que pode se

contar para a tomada de alguma posição. Daniela destaca o invento de se fazer ser ficção, sempre a possibilidade de um novo movimento.

Portanto, além do gesto, que nos referimos nesta última parte do artigo, podemos incluir também a palavra desvio. Ao que parece se encaminhar para algum tipo de final ou conclusão, novas palavras surgem. No curso de um caminho, interessa-nos a possibilidade de alguma descontinuidade, de algum desvio de rotas alicerçadas em saberes que insistem em tentar estabelecer um andar único com arrimo conhecido. Da angústia de não saber para a novidade que se torna invento, contando justamente com a referida impossibilidade de saber, escritas se lançam e nos interessam neste artigo para fins de descontinuação. Afinal, não há desejo sem descentramento, não há nascimento sem mais uma abertura ficcional.

A escrita, entendida a partir do que comporta de estilo, de saber fazer propriamente referido ao inconsciente – à lalíngua e à letra –, pode funcionar articulada ao que nos mobiliza enquanto desejo. Nessa mobilização, um trajeto desejante é percorrido ao passo da tessitura de marcações que ficam e permitem leituras. A despeito de seu conteúdo, a escrita mobiliza o desejo também de quem se propõe a alguma leitura. Na posição de leitores, estamos implicados no que lemos; atravessados pela escrita, somos interrogados naquilo que escolhemos perseguir através da leitura.

REFERÊNCIAS

- Anzaldúa, G. (2021). *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Tradução Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha. (obra original publicada em 1980)
- Bataille, G. (2013). *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica. (obra original publicada em 1957)
- Campos, H. (1995). O afreudisiaco na galáxia de lalíngua. In *Ideias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras.
- Chatelard, D. (2005). *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Tradução Procópio Abreu. Brasília: UnB.
- Cixous, H. (2018). Contos da diferença sexual. In *Idiomas da diferença sexual*. Tradução Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage. (obra original publicada em 1990)
- Cixous, H. (2022). *O riso da medusa*. Tradução Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. (obra original publicada em 2010)
- Freud, S. (2014). *As pulsões e seus destinos*. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica. (obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1992). Inhibición, síntoma y angustia. In *Obras completas*. Traducción directa del alemán José Etcheverry. Argentina: Amorrotu Editores. (obra original publicada em 1926)
- Freud, S. (1996). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1926)
- Kamenszain, T. (2022). *Garotas em tempos suspensos*. Tradução Paloma Vidal. São Paulo: Círculo de poemas.
- Lacan, J. (2010). *Encore*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. (obra original publicada em 1972-1973)
- Lacan, J. (1964). Fondements. In *staferla*.
- Lacan, J. (1974). La Troisième. In *staferla*.
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (obra original publicada em 1972)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (obra original publicada em 1962-1963)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar. (obra original publicada em 1964)

Lacan, J. (2016). *Os não-tolos vagueiam*. Salvador: Moebius Psicanálise. (obra original publicada em 1974)

Zupancic, A. (2023). *O que é sexo?* Tradução Rafael Bozzola. Belo Horizonte: Autêntica.

NOTAS

¹ As referências a Amorrortu Editores são traduções nossas.

² *sur les traces que fraye lalangue* (Lacan, 1974/staferla, p. 106).

³ Tradução nossa.